

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GEOGRAFIA E RELIGIÃO

Zeny Rosendahl

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 96-99, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184/24567>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GEOGRAFIA E RELIGIÃO

Zeny Rosendahl *

Este estudo aborda as relações entre Geografia e religião. Aparentemente, são dois temas que não apresentam ligações. No entanto, como se verá, Geografia e religião são duas práticas sociais. Ambas se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente.

A preocupação com a experiência religiosa de indivíduos e grupos sociais representa tópico central de várias ciências dedicadas ao estudo do homem. Esta preocupação aparece, por exemplo, na psicologia da religião, tanto na abordagem freudiana como na junguiana. Aparece também na Sociologia através do pensamento de Émile Durkheim e Max Weber. Na Antropologia, através das teorias de Evans-Pritchard e James Frazer. Mas como definir o estudo geográfico da religião? Em que ele se diferencia daqueles que a Sociologia e a Antropologia, por exemplo, realizam?

O presente estudo constitui-se em uma tentativa de resposta a essas perguntas. Inicia-se com uma breve análise relativa à produção geográfica sobre religião e a seguir considera-se a idéia de sagrado e sua manifestação no espaço. Ênfase será dada ao sagrado no contexto geográfico através da apropriação dos elementos do espaço e dos modos sociais de produção do espaço sagrado.

A relativa negligência do tema religião pelos geógrafos – A Geografia não deve tratar da experiência religiosa pessoal que é, para alguns, o núcleo da religião. Mas, ao definir religião como “um sistema de fé e de culto (...) um grupo de crenças sagradas institucionalizadas, observâncias e práticas” (SOPHER, 1967), é possível estudá-la como sistema religioso organizado. O núcleo da religião ou o conteúdo teológico e filosófico da mesma constitui tema de interpretação dos teólogos, uma vez que, sozinho, este conteúdo não fornece base adequada para a análise geográfica porque em si é aespacial.

Visando clarificar a compreensão sobre a relativa negligência da Geografia face à temática da religião, pode-se delimitar as transformações do pensamento religioso na Geografia em três períodos: o primeiro abrange a Geografia pré-científica e vai até o início do século vinte; o segundo período tem início após a 1ª Guerra Mundial e persiste até o final da década de sessenta; o terceiro período, por sua vez, tem início nos anos setenta, estendendo-se até nossos dias.

O primeiro período tem suas origens na Antiguidade Clássica. Os geógrafos têm voltado às raízes da Grécia Antiga para ilustrar que a relação entre religião e Geografia não foi inventada recentemente e que ambas, de fato, tiveram uma relação especial desde a Antiguidade, conforme aponta LILY KONG (1990).

Os interesses que uniam a Geografia e a cosmologia representavam mais uma explicação religiosa do que científica. Surgem, nesse estágio inicial, as explicações teológicas para a ciência natural, sobretudo na Geografia. Nos séculos dezesseis e dezessete, consoante à expansão européia, a Geografia religiosa estava focalizada no mapeamento do avanço espacial do cristianismo no mundo, num trabalho impulsionado primordialmente pelo desejo de disseminar a fé cristã.

Em reação ao papel historicamente influente da religião na história européia e a uma historiografia que atribui à religião um papel exagerado na história mundial, os pensadores europeus esclarecidos dos séculos dezoito e dezenove, influenciados pelo pensamento iluminista, procuraram enfatizar o

efeito do ambiente natural sobre as formas da experiência religiosa e a cultura em geral. Os geógrafos adotaram uma abordagem ambiental determinista em estudos realizados sobre a natureza essencial de diferentes religiões e seus ambientes geográficos. Este primeiro período permaneceu até o início do século vinte.

Após a 1ª Guerra Mundial, por volta de 1920, o desenvolvimento do pensamento religioso é influenciado pelas idéias de Max Weber. O pensamento weberiano caracteriza bem esse segundo período dos estudos de religião na Geografia, por representar a posição crítica à doutrina anterior. Ao invés de examinar a influência do ambiente sobre a religião, focalizou-se a influência da religião sobre as estruturas sociais e econômicas. Entretanto, os geógrafos rejeitaram essa vertente por bastante tempo; somente após a 2ª Guerra Mundial surgiram estudos tratando da religião como influência formativa do ambiente.

Nesse segundo período, os estudos de religião em Geografia têm seu início com a análise da paisagem e seus fatos antropogeográficos relacionados. Os geógrafos buscam compreender as forças modificadoras da paisagem, como na posição possibilista da Escola Vidalina de Geografia e particularmente da Escola de Geografia Cultural de Sauer, nas quais a paisagem é o objeto principal de pesquisa. Os estudos refletiam o impacto da religião sobre a forma física da paisagem, negligenciando os significados simbólicos do lugar. Exceção se pode fazer ao trabalho de DEFFONTAINES (1948), que examinou os significados simbólicos das residências em termos religiosos.

Na década de sessenta, as investigações religio-geográficas não apresentavam coerência de pensamento. Havia um grupo que direcionava o enfoque de suas análises da religião sobre o ambiente ou *Prägung*; ao outro grupo BÜTTNER (1985) denominou-o *Rückkoppelung*, isto é, a influência do ambiente sobre o pensamento religioso. Com o advento da Geografia da religião, a recomendação aos geógrafos foi dar atenção à reciprocidade das relações entre religião e ambiente. Essas relações são dialéticas e que estudá-las apenas unidirecionalmente, em qualquer que seja a direção, seria irrealista. Comungam nesse pensamento os geógrafos SIPHER (1967), LEWANDOWSKI (1984), ISAAC (1959) e BÜTTNER (1985).

A Geografia, na realidade, durante a maior parte da primeira metade do século vinte, teve o interesse em estudar o comportamento do homem em relação ao meio ambiente; entretanto, o interesse dos geógrafos pelos significados simbólicos que surgem da vida social em determinados ambientes geográficos, intensificou-se nos anos sessenta. O desenvolvimento da dimensão psicológica representou um autêntico acontecimento na ciência geográfica. HORÁCIO CAPEL (1983) ressalta “o que se deve chamar a atenção é precisamente o atraso com que este descobrimento se realizou, levando-se em conta os temas que, desde seu nascimento, a Geografia humana estudou”.

No início dos anos setenta, início do terceiro e atual período dos estudos de religião na Geografia, ocorrem profundas transformações na Geografia. Por razões sociais e intelectuais havia um descontentamento face às concepções neopositivistas nas análises científicas. Surgiram movimentos de contestação ao modelo neopositivista, exigindo a adoção de novas matrizes epistemológicas para tornar claro os problemas sociais do sistema capitalista. Este movimento de contestação deu lugar ao nascimento de uma atitude crítica entre os geógrafos, que os levou a buscar no materialismo histórico e dialético a compreensão da problemática da organização sócio-espacial. Também questionou-se, nesse período, os valores do homem e seu cotidiano, favorecendo o aparecimento da Geografia humanista, apoiada nas filosofias do significado. Amplia-se, assim, a compreensão do simbolismo religioso. Neste terceiro período, os estudos de religião em Geografia refletem um lento ressurgimento da Geografia cultural, no bojo da qual desenvolve-se a Geografia da religião.

As pesquisas geográficas sobre religião, neste terceiro período, não apresentam consenso sobre a natureza do campo religioso-geográfico. Para DAVID SIPHER, não havia ainda sido verificada a “gênese de um campo reconhecível”. Para TUAN, a Geografia da religião é um *campo em desordem*. Esta aparente desordem que Tuan menciona reflete diferentes posições de enfrentar o fenômeno religioso.

Deve-se dar maior atenção à expressão social da religião ou à experiência religiosa individual? O geógrafo, como cientista social, precisa se tornar um estudioso da religião?

MANFRED BÜTTNER (1985) e ERICK ISAAC (1960) delinearam a Geografia da religião como o estudo da parte desempenhada pela motivação religiosa na transformação da paisagem pelo homem. Erick Isaac, por exemplo, supõe a existência de um impulso religioso no homem que o leva a agir sobre seu ambiente de uma maneira que responda a uma necessidade. Para ele a tarefa da Geografia da

religião consiste em “separar a matriz especificamente religiosa da matriz social, econômica e étnica na qual está embutida e determinar seu peso relativo em relação às outras forças na transformação da paisagem”. Assim, tornava-se necessário que a Geografia da religião desenvolvesse uma metodologia que a capacitasse a realizar suas tarefas. Os estudos do geógrafo alemão Manfred Büttner na delimitação do campo da Geografia da religião têm sido aceitos pelos geógrafos alemães e anglo-saxônicos. O geógrafo orientado pela moderna Geografia social da religião inicia sua investigação pela comunidade religiosa – *Religionskörper*. O principal interesse é reconhecer sua “estrutura espacial, as atividades que origina, suas atitudes mentais, a estrutura ocupacional e social associadas e outros aspectos”.

A corrente francesa, por sua vez, sugere o estudo dos elementos religiosos nos estudos geográficos, colocando-os em igualdade de importância com os elementos políticos e econômicos. Apesar de não haver, por parte dos geógrafos franceses, uma preocupação com a temática da religião. PAUL CLAVAL (1993), em artigo recente, aponta aos geógrafos da religião a tarefa de explorar o universo das representações mentais, bem como compreender como essas representações se inserem na paisagem e na organização do espaço. E sugere também o estudo da temática através da análise do sagrado e do profano na vida das coletividades humanas.

Pela abordagem anglo-saxônica, germânica e francesa, os geógrafos são convidados a pesquisar em diversas frentes, merecendo atenção as paisagens e construções investidas de significado religioso. E para nossa reflexão iniciaremos pela experiência religiosa de controle da paisagem e a organização do espaço afetado pela fé, ou seja, o espaço sagrado.

O conceito de espaço sagrado e espaço profano – ÉMILE DURKHEIM, ao propor a religião como coisa eminentemente social, determina o nascimento do fenômeno religioso, cujas representações sagradas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas. As coisas sagradas equivalem ao poder e constituem, por excelência, uma realidade, conforme aponta Eliade. O homem tem necessidade de orientação, da ordem, do cosmo e, sendo assim, é fácil compreender que o ser religioso deseja profundamente participar da realidade de existir num mundo sagrado.

A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, implicando manter separadas as experiências sagradas das não-sagradas, isto é profanas. Do latim *sacratu* – aquele que recebeu a consagração – as coisas divinas.

Desenvolvendo a idéia do sagrado como ordem, Eliade, Tuan e Douglas relacionam o momento religioso da consagração do mundo, isto é, o momento em que o espaço desconhecido, desocupado e na escuridão do caos, é transformado simbolicamente pelo homem em Cosmos, mediante a repetição ritual da hierofania.

Para nosso estudo importa conhecer bem que o sagrado se manifesta totalmente sob a forma de hierofanias no espaço, qualificando-o como espaço sagrado. O espaço sagrado é um espaço demarcado e diferenciado pelo simbolismo que possui. Baseado no pensamento de DURKHEIM (1968), MIRCEA ELIADE (1962) e PETER BERGER (1985), definimos o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. É o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e deus, nas monoteístas.

A manifestação do sagrado é indicada pelo termo hierofania que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela. O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente das realidades do cotidiano. São inúmeras as hierofanias. A manifestação do sagrado se dá num objeto qualquer, uma árvore, uma pedra ou uma pessoa, por exemplo. A hierofania revela este ponto fixo denominado centro e que contém o simbolismo de *fundação de Cosmos*, isto é, o *centro do mundo*. O ponto fixo é determinado pela materialização do sagrado. O entorno possui os elementos necessários que compõem as formas espaciais. A hierarquia do sagrado no espaço é subjetiva, isto é, é dada pela sensibilidade do crente.

A estrutura do espaço sagrado implica a idéia da repetição da hierofania primordial que o consagra e assim transfigura-o, singulariza-o e isola-o do espaço profano (ROSENDAHL, 1994).

A experiência do espaço sagrado se opõe à experiência do espaço profano para o homem religioso. O primeiro tem um valor existencial para ele; é seu referencial. O profano, por sua vez, constitui-se

naquele espaço em volta do espaço sagrado. A palavra profano etimologicamente implica a idéia de localização: o prefixo grego *pro* significa *em frente de*, e *fano* significa templo sagrado. Em relação ao espaço profano, há interdições aos objetos e coisas que estão vinculados ao sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada.

O espaço sagrado e espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita e possibilita o profano. Assim sendo, os dois espaços, do sagrado e do profano, estão numa relação de *ideal* e *comum*, de *excepcional* e *cotidiano*. Essa relação é de tal natureza que a passagem de um plano para outro exige um *sacrifício*. A palavra é derivada da expressão latina *sacra facere*, fazer sagrado e, pelo costume, está associada a ritos que implicam a sujeição da coisa ou pessoa a um ser superior, que se encontra em outra esfera de grandeza.

Como geógrafo da religião, proponho o estudo do espaço através do sagrado, desvendando sua ligação com a paisagem e com a linguagem codificada pelo devoto em sua vivência no espaço. E acredito ser nos espaços sagrados de romaria que a materialização do sagrado está mais nítida, em função da experiência religiosa do crente, da dimensão espacial do sagrado e da percepção e consciência do sagrado no lugar, atribuindo-lhe valor.

- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de J.C. Barcellos. São Paulo: Edições Paulinas, 1985
- BÜTTNER, M. et al. Zur Geschichte und Systematik der Religionsgeographie. In *Geographia Religionum*. Interdisziplinäre Schriftenreihe zur Religionsgeographie. Band 1. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1985. p.15-122
- CAPEL, H. *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1983
- CLAVAIL, P. La theme de la religion dans les études géographiques. *Geographie et Cultures*. Paris: n° 2, p.85-111, 1992
- CORRÊA, R.L. *Espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989
- DEFONTAINES, P. *Geographie et religions*. Paris: Gallimard, 1948
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. Tradução de Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Perspectivas, 1976
- DURKHEIM, E. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968
- ELIADE, M. L'espace sacré: centre du monde. In *Traité d'histoire des religions*. Paris: Payot, p.314-29, 1959
- _____. *O Sagrado e o profano*. A essência das religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1962
- EVANS-PRITCHARD, E. *Theories of primitive religions*. Londres: Oxford University Press, 1966
- FRAZER, J. *Magie and religion*. London: Thinker's Library, 1945
- ISAAC, E. Religion, landscape and space. *Landscape California*: n° 9, p.14-18, 1959-60
- KONG, L. Geography and religion: trends and prospects. *Progress in Human Geography*. London: n° 14(3), p.355-71, 1990
- LEWANDOWSKI, S.J. The built environment and cultural symbolism in post-colonial Madras. In AGNEW, J.A. et al. *The City in Cultural Context*. Boston: Allen and Unwin, p.237-54, 1984
- RINSCHÉDE, Das Pilgerzentrum Lourdes. *Geographia Religionum*, Berlin: Band I, 1985
- ROSENDAHL, Z. *Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense*. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia da USP, 1994
- SOPHER, D. *Geography of religions*. Englewood Cliffs. Prentice-Hall, 1967
- TUAN, Y.F. Sacred space – exploration of an idea. In BUTZER, K. *Dimension of Human Geography*. Chicago: Chicago Research Paper, 1979
- WEBER, M. Sociologia de la comunidad religiosa. In *Economía y sociedad I*. México -- Buenos Ayres: Fondo de Cultura Económica, 1964

* Professora na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.